



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS - LÍNGUA PORTUGUESA**

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**OS CONFLITOS ENTRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS BISSAU-GUINEENSES E
AS PORTUGUESAS NO PERÍODO COLONIAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**OS CONFLITOS ENTRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS BISSAU-GUINEENSES E
AS PORTUGUESAS NO PERÍODO COLONIAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2019

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

S581c

Silva, Marcos Vinicius da Hora.

Os conflitos entre as tradições culturais bissau-guineenses e as portuguesas no período colonial : uma análise do romance A última tragédia, de Abdulai Sila / Marcos Vinicius da Hora Silva. - 2019.

50 f.

Monografia (graduação) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2019.

Orientador: Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano.

1. Conflito cultural na literatura. 2. Guiné-Bissau - Influência colonial. 3. Pós-colonialismo na literatura. I. A última tragédia - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/SEBI

CDD 869.309

MARCOS VINICIUS DA HORA SILVA

**OS CONFLITOS ENTRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS BISSAU-GUINEENSES E
AS PORTUGUESAS NO PERÍODO COLONIAL: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
A ÚLTIMA TRAGÉDIA, DE ABDULAI SILA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras – Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Aprovado em 29 de agosto de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Ximenes Graciano

Doutor em Estudos de Literatura pela Universidade Federal Fluminense
Professor de Teoria da Literatura da UNILAB

Prof.^a Dr.^a Giselle Rodrigues Ribeiro

Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo
Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da UNILAB

Prof.^a Dr.^a Lilian Paula Serra e Deus

Doutora em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Professora de Literaturas de Língua Portuguesa da UNILAB

Dedico este trabalho a
minha família,
professores e amigos
que emanaram boas
energias e pensamentos
positivos para que eu
conseguisse alcançar
meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, por todas as bênçãos que me foram concedidas; pelo dom da vida e por nunca ter me desamparado.

Aos meus pais, sobretudo minha mãe, que esteve e está comigo em todos os momentos da minha vida, por ter lutado insistentemente para que este sonho se tornasse possível. Obrigado, Mainha! Sem você eu não sou quem sou.

À toda a família Da Hora e Silva, por depositar em mim toda confiança e esperança de uma graduação e por sempre terem acreditado nos meus sonhos e anseios. Agradeço a vocês por ter me formado enquanto ser social; pelos valores que transcendem a academia e por cada reflexo de amor. Adoro vocês!

Ao meu orientador pela confiança e por toda a contribuição para que este trabalho se tornasse concreto. E por ter sido um excelente professor de Teoria da Literatura, aprendi bastante com você!

Aos e as verdadeiros/as amigos/as pela amizade e carinho em todos os momentos da minha vida, nutrindo em mim forças que me ajudaram galgar mais um ciclo.

À Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira por me proporcionar – através de seu projeto de integração, o reencontro com as raízes ancestrais, por meio das/os irmãs/os africanas/os que compõe o corpo discente da instituição.

À CAPES pela bolsa de Iniciação à Docência, que contribuiu para minha formação docente.

A todas (os) docentes da educação básica, que contribuíram para minha formação enquanto estudante e sujeito social, especialmente a Valquíria Silva, Jalma Bezerra, Mônica Santos e dentre outros que não me recordo. Não poderia esquecer de Jussara Bezerra, que despertou em mim o gosto pela literatura e é um grande exemplo de professora. Você marcou a minha vida, Jussa!

Estendo os agradecimentos para os docentes da UNILAB que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, em especial ao Prof. Dr. Paulo Sérgio de Proença, por toda humildade e humanidade, a Ex-Diretora do Campus dos Malês – Matilde Ribeiro, por quem tenho um carinho imenso. Agradeço a Vânia Vasconcelos, que para além de uma excelente professora, é um ser humano incrível. À Sabrina Rodrigues por ser uma praticante da pedagogia culturalmente sensível. A Eduardo Ferreira, por ser um

professor excelente. Shirley Freitas, por ter sido minha professora e coordenadora do projeto de Língua Guineense, e com quem aprendi bastante. À Lídia Lima, pela dedicação e empenho de sempre!

Obrigadu nha guiguís pa manera ke bo entra na nha bida! Valeu bué família mwangolê!

Muitos negros da chamada classe superior estão tão convencidos em impressionar os brancos, mostrando que são “diferentes” dos outros, que não percebem que estão ajudando o homem branco a manter sua opinião desdenhosa a respeito de todos os negros.

Malcolm X

Stória di nha bida npinta ku nha kalor. [a história da minha vida eu pinto com meu calor/esforços.]

As one

RESUMO

Este trabalho consiste na análise do romance guineense *A última tragédia*, do escritor guineense Abdulai Sila. É um romance publicado em 1995, mas que foi escrito na década de 80, pouco tempo depois da independência da Guiné-Bissau. A discussão observada no romance é inerente aos conflitos entre as culturas europeias e guineenses-africanas no período colonial, pois de um lado há o colonizador convicto de seus poderes e doutro o colonizado, convicto de suas tradições e crenças que organizam e regem o território ao qual fazem parte. É nesse sentido, que a literatura se faz imprescindível no registro da história de um povo, corroborando para a construção de uma identidade nacional. A literatura e a crítica social são observadas na narrativa de Sila durante todo o romance, pois se trata de uma representação dos conflitos existentes no país, no período supracitado.

Palavras-chave: A última tragédia - Crítica e interpretação. Conflito cultural na literatura. Guiné-Bissau - Influência colonial. Pós-colonialismo na literatura.

ABSTRACT

This work consists in analysis of the Guinean novel *The latest tragedy* of the Guinean writer Abdulai Sila. It is a novel published in 1995, but it was written in the decade of 80s, shortly after the independence of Guinea-Bissau. The discussion observed in the novel is inherent in the conflicts between European and Guinean-African cultures in the colonial period, because on one side there is the colonizer convinced of his powers and the other the colonized, convinced of their traditions and beliefs that organize and govern the territory to which they belong to. It is in this sense that literature becomes indispensable in the record of a people's history, corroborating for the construction of a national identity. Literature and social criticism are observed in Sila's narrative throughout the novel, because it is a representation of the conflicts existing in the country, in the period mentioned above.

Keywords: A última tragédia - Criticism and interpretation. Cultural conflict in the literature. Guinea-Bissau - Colonial influence. Postcolonialism in literature.

RIZUMU

Es tarbadju i un analizi di romansi guineense “Ultimu mufunesa”, di scrittor guineense Abdulai Sila. I un romansi publikadu na 1998, ma ki fasidu na década di 80, puku tempu dipus di independensia di Guiné-Bissau. Kê ku no pudi ba nota nes romansi i relatos sobri gueras entri kultura di brancos ku guineenses-africanos na tempu colonial, pabia di un lado istaba colonizador ku tudo si puder i di utru, colonizadu, convictu di balur di se kultas ku tradison ke tá organiza se forma di vivi na bo terra. Nes sentido ke literatura i importanti pa registro di storia di kil povo, pabia e tá djuda pa konstruson di identidade nacional. Literatura ku kritica social e sta presentu na romansi di Sila, pabia i um imitason di kil konfliktos ku nô fala badja.

Palabras-tchabi: Literatura guineense. Konfliktus. Colonizason. Kritica social.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AUT: A última tragédia

BR: Brasil

CrG: Crioulo Guineense

GB: Guiné-Bissau

LAs: Literaturas africanas

LG: Literatura guineense

PT: Português

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A LITERATURA GUINEENSE: UM BREVE HISTÓRICO DE SUA FORMAÇÃO	16
2.1	REFLEXÃO HISTÓRICA	17
2.2	OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU	18
2.3	PÓS-INDEPENDÊNCIA: OS DESAFIOS PARA SE CONSTITUIR ENQUANTO NAÇÃO	20
2.4	A FORMAÇÃO DA LITERATURA GUINEENSE: UMA LITERATURA NACIONAL?	21
2.5	A LITERATURA GUINEENSE PÓS-INDEPENDÊNCIA: LUTAR E RESISTIR PARA CONSTRUIR UMA IDENTIDADE NACIONAL	25
3	OS CONFLITOS ENTRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS BISSAU-GUINEENSE E EUROPEIAS PRESENTES NO ROMANCE ‘A ÚLTIMA TRAGÉDIA’.	26
3.1	“SINHORA, QUER CRIADO? ”: A JOVEM NDANI EM BUSCA DE TRABALHO NA CASA DE BRANCOS	28
3.2	O MUNDO COLONIAL VERSUS O MUNDO TRADICIONAL: O RÉGULO EM OPOSIÇÃO A ADMINISTRAÇÃO COLONIZADORA	31
3.3	DESTINO DE MULHER	34
4	UM DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A CRÍTICA SOCIAL NA OBRA DE SILA	40
4.1	A RELAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA COM A SOCIEDADE	42
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	48

1 INTRODUÇÃO

A Guiné-Bissau é um país que se situa na Costa Ocidental Africana e possui uma diversidade de povos, mas que se interligam por meio da língua nacional, “o guineense”, falado por quase todos os nativos. Há também as línguas nacionais de cada grupo ou comunidade local, como: *Fula, Mandiga, Papel, Felupe, Nalu, Biafada, Balanta* e dentre outras. Foi colônia portuguesa, e, como consequência disso, tem o português como língua oficial. É, portanto, uma nação em desenvolvimento e em busca da construção da identidade nacional. Tratando-se de identidade nacional, é crucial tratar também de literatura nacional como agente dessa construção, pois não só na Guiné, bem como nos demais países africanos de língua portuguesa, a literatura foi “armamento” na luta pela independência e, posteriormente, contribuiu indispensável na formação da nação pós-independência. De acordo com Campos (2016),

As literaturas moçambicanas, cabo verdianas, guineense e angolanas foram um grande instrumento de luta de libertação durante o jugo colonial português. Operaram historiograficamente ao se comprometerem com a escrita da história e das experiências passadas das sociedades abaladas pela colonização. (CAMPOS, 2016, p.1)

A literatura guineense é ainda jovem e está em fase de desenvolvimento. Segundo Augel (1999), por muito tempo a Guiné-Bissau esteve excluída, quando se tratava de literaturas africanas, isto porque a produção literária até agora fundamentou-se mais em cunho oral do que escrito, ou seja, por conta das dificuldades estruturais, há pouco registro escrito dessas literaturas. Sendo a GB, uma nação recém liberta da colonização e que ainda está enfrentando a sombra do colonialismo, buscando estruturar-se política, social e economicamente, podemos compreender também que o baixo número de publicações literárias é originado da ausência de políticas educacionais que estejam empenhadas no desenvolvimento intelectual e educacional do país.

Durante a graduação, me deparei com uma disciplina que versava sobre as literaturas africanas escritas em língua portuguesa e como seu foco principal foi a Guiné Bissau, me senti ainda mais motivado em aprofundar o estudo de dado aspecto da literatura guineense. Neste trabalho, retratarei a representação dos conflitos entre

as culturas europeias e Bissau-guineenses no período colonial e, também, como a crítica social está presente na obra de Abdulai Sila.

Para compreender as questões supracitadas, será analisado o romance *A última tragédia*, do escritor guineense Abdulai Sila. Esse romance compõe o *objeto* da pesquisa bibliográfica em que buscaremos refletir, com base no romance, como se deu os conflitos entre africanos e europeus no período colonial. É importante ressaltar que o romance foi escrito depois da independência, sendo considerado um romance contemporâneo, mas que narra o passado, como forma de compreender o presente e o futuro. Quando li a obra pela primeira vez, fiquei entusiasmado com as múltiplas críticas que o autor traz em relação aos problemas político-sociais da Guiné-Bissau, o que me motivou ainda mais na investigação do romance, dentro do âmbito dos estudos literários e sociais.

Cabe aqui abordar o meu lugar, enquanto brasileiro que pesquisa a literatura guineense, como forma de reaproximar histórias e resgatar o passado ancestral. Se pensarmos o processo de formação da literatura guineense, comparado ao do Brasil, notaremos que não se trata de processos tão distintos, pois ambos os países foram ex-colônias portuguesas. O Brasil conquistou a independência há mais de 196 anos e a Guiné-Bissau há apenas 46. O primeiro já se consolidou enquanto nação, tendo formado um projeto de identidade nacional, ainda que excludente e com diversos problemas; enquanto que o segundo, tendo sua independência conquistada há tão pouco tempo, está em processo de formação de sua identidade nacional e lutando para se estruturar política e economicamente.

Para construir esta monografia, foi necessário fazer um levantamento de referências bibliográficas que versam sobre a formação literária na GB e também sobre o processo de luta para a independência. A partir do que sabemos sobre o processo colonial é que começamos a analisar o romance, pensando nos conflitos existentes entre brancos europeus e africanos, nos anos finais da colonização. A base dessas discussões foram os estudos críticos dos principais nomes da crítica literária na GB, que nos direcionou para as reflexões levantadas ao longo da análise do romance. A obra de Sila fez uma revisitação ao passado, mostrando, por meio das narrativas e de seus personagens emblemáticos, o modo como os nativos e os estrangeiros conviviam no mesmo território e quais eram seus principais embates.

A respeito de sua estrutura, esta monografia está dividida em três capítulos:

O primeiro é uma contextualização do processo de formação da literatura guineense e como ela tem contribuído para a construção e desenvolvimento da identidade nacional. Nesse capítulo refletimos também sobre os impactos da colonização portuguesa na Guiné-Bissau.

No segundo capítulo, analisamos de forma crítica o romance *A última tragédia*, que forma o objeto desta pesquisa, buscando interpretar como o autor representa os conflitos entre as culturas tradicionais guineense e as europeias na Guiné-Bissau – no que tange ao período colonial. Nessa análise, é possível dialogar com os anos finais, que antecederam a conquista da independência e também com o presente, pois o autor utiliza os acontecimentos do passado como forma de entender os problemas que o país enfrenta no presente.

No capítulo final, levantamos uma discussão inerente à relação da literatura com a crítica social, ou, em outras palavras, como a crítica social se faz presente na literatura de Abdulai Sila, especificamente em *A última tragédia*.

Esta monografia é fruto de um longo trabalho de pesquisa bibliográfica, leituras e releituras da obra analisada. Com este trabalho pretende-se levantar discussões sobre o poder de representação da literatura, sendo observável que a obra de Sila conseguiu abordar em seu enredo acontecimentos históricos, permitindo-nos fazer inúmeras reflexões sobre o processo colonial na Guiné-Bissau, com um recorte geral da África.

2 A LITERATURA GUINEENSE: UM BREVE HISTÓRICO DE SUA FORMAÇÃO

Neste capítulo, buscaremos fazer uma explicação temporal e breve da formação literária guineense. Também pretendemos refletir sobre a importância das manifestações literárias guineenses enquanto ferramentas de auxílio da luta armada, pois era através da literatura que os colonizados conseguiam expressar repúdio e indignação contra o colonizador. Em outras palavras, podemos dizer que a literatura foi um meio de fazer a voz dos oprimidos chegar aos ouvidos do opressor.

De modo geral, não há como tratar da literatura guineense sem antes refletirmos sobre a colonização portuguesa na África e seus terríveis impactos político-sociais. Sendo assim, faremos uma breve descrição do processo colonial português, enfatizando a colonização na Guiné-Bissau.

2.1 REFLEXÃO HISTÓRICA

A expansão portuguesa na África iniciou-se com a exploração de recursos materiais, na região de Ceuta, em que os colonos levavam tecidos produzidos naquela região para a Europa. Conforme Candé (2016),

aproximadamente o ano de 1446 – marca o início da chegada dos portugueses no território que viria mais tarde a denominar-se Guiné-Bissau, pois o acesso à Costa da Guiné, ou seja, Senegâmbia, deu-se através da rota instituída pelo navegador Álvaro Fernandes. Entretanto, na Guiné-Bissau, a ocupação começou no norte do país a partir da cidade de Cacheu, fundada em 1588, mas sob a regência da administração do Arquipélago de Cabo Verde. (CANDÉ, 2016)

Tempos depois, após a conquista dos territórios guineenses, os portugueses iniciaram a dominação e exploração dos povos locais. A presença dos portugueses nas regiões da Guiné ocasionou diversas divisões geográficas e sociais: “Em 1879 procede-se à separação administrativa de Cabo Verde e constitui-se mais uma colônia de Portugal, a Guiné Portuguesa que teve como primeira capital Bolama” (BENZINHO ; ROSA., 2015, p.12)

Através do sistema educacional português, implantado na Guiné-Bissau, os colonizadores conseguiram conquistar assimilados nativos para cooperarem com a colonização, mas vale ressaltar que tais aliados eram pessoas que achavam ter prestígios com o colonizador, em outras palavras, podemos caracterizar esse fator como a inversão dos papéis, em que o oprimido passa a ser opressor. Eram chamados de assimilados ao sistema dominador português. Cassama (2014) compreende que

A escola, sem dúvida foi um dos principais, senão, o principal veículo do Governo português, para a consolidação do seu poder nas colônias, preparando os indivíduos com a formação religiosa, política, moral e social, baseada nos padrões nacionais, com o intuito de reforçar o poder da metrópole nos territórios colonizados (p. 26)

O autor ainda reforça que “nos territórios colonizados por Portugal, a escola e a educação escolar se tornam em importantes modelos de manipulação, opressão e de transmissão de uma ideologia e cultura do colonizador” (CASSAMA. 2016, p.26).

Depois de muito tempo após o estabelecimento dos portugueses no atual território da GB, na antiga Guiné Portuguesa, motivados pelo sentimento de repúdio à

colonização é que iniciaram-se os movimentos de organização das lutas armadas pela independência, que durou décadas, mas somente

em 1963, o PAIGC inicia a luta armada de guerrilha de oposição ao regime colonial, que fica registada pelo assassinato do seu líder e doutrinário, Amílcar Cabral, a 20 de janeiro de 1972, sem nunca se vir a determinar quem foi o responsável. A 24 de setembro de 1973 o PAIGC declara em Boé a independência unilateral da Guiné-Bissau — tornando-se a primeira das ex-colónias portuguesas a tornar-se independente. Portugal só reconhecerá oficialmente a independência da república da Guiné-Bissau, aquando da deliberação da assembleia Geral das nações Unidas, a 17 de setembro de 1974. (BENZINHO; ROSA. 2015, p. 12)

Com a conquista da independência, a ex-colônia portuguesa tenta se erguer enquanto nação, porém o projeto de nação foi falho e durante algum tempo o país sofreu diversos golpes de estado, de modo que até hoje está em constantes lutas para se estruturar politicamente. É notável que mesmo após a conquista da libertação, o colonizador continua presente na nação, através das heranças coloniais, como o sistema político-administrativo, entre outros. Um outro fator que dificulta o desenvolvimento do país é o modelo de educação, essencialmente influenciado por parâmetros eurocêntricos.

2.2 OS IMPACTOS DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA NA GUINÉ-BISSAU

Se pensarmos os impactos da colonização portuguesa na GB e a forma como os colonizadores tentaram apagar a história daquele povo, podemos definir o processo colonial como aniquilação de múltiplas identidades e também de culturas. Isso evidencia-se com a tentativa de destruir as tradições locais nas terras colonizadas, seus costumes e sobretudo as crenças, pois o desejo dos portugueses, para além de dominar territórios, foi catequizar o povo, como forma de facilitar o processo colonial e impor a religião cristã aos “não-civilizados” (forma como eles caracterizavam os povos colonizados). Em seu livro *O Desafio do Escombro - A literatura guineense*, Moema Parente Augel faz uma importante reflexão sobre a presença dos portugueses na GB e como a colonização foi um processo artiloso e maquiado, na tentativa de elidir de um povo a sua própria identidade.

O colonialismo, tal como foi praticado no século XIX e parte do século XX, sob a máscara do zelo civilizatório, desprezava e negava a identidade do colonizado. O poder colonial funcionava como agente de controle social

“produzindo”, por assim dizer, o colonizado. Os valores locais, autóctones, relativos ao ambiente não europeu, à cultura, à tradição, às crenças eram considerados inferiores e eram mesmo proibidos e combatidos com a patente intenção de substituí-los. O que predominava era o princípio dos vasos estanques e incomunicáveis, pois o sistema colonial determinava que as identidades fossem demarcadas com uma nítida separação a partir das fronteiras entre a metrópole e a colônia, entre o colonizador e o colonizado; eram válidas regras que se aplicavam diversamente segundo um lado ou outro da demarcação. (AUGEL. 2005, p.126)

A colonização fez com que o oprimido negasse a sua própria cultura e se colocasse no lugar de inferioridade, da forma como o opressor os enxergavam. Até hoje, esse massacre psicológico tem se reproduzido na nação guineense. A exemplo disso, podemos refletir sobre os jovens que migram para a Europa e acabam por desvincular-se das suas raízes, passando assim a assumir uma nova identidade (portuguesa, no caso dos jovens que migram para Portugal) e ver a sua identidade originária como inferior, sem valor e prestígio.

É comum observarmos situações em que o oprimido tenta assemelhar-se ao opressor, pressupondo que não sofrerá represálias ou qualquer tipo de opressão. Conforme Paulo Freire, “para o oprimido é mais fácil torna-se como seu opressor, para ser aceito em seu meio” (FREIRE. 1987, p.16). Nesse sentido, o oprimido passa a realizar, em alguns casos, ações opressoras, necessitando liberta-se do grande mal, isto é, ‘a colonização mental’.

O que acontece com os oprimidos é fruto de silenciamento, que, segundo Augel (2005), aconteceu porque

A estratégia era ignorar ou silenciar as culturas dos colonizados. Silenciar é um não dizer que pode ter conotação histórica e ideológica, dependendo da posição do sujeito que fala. Há um inter-relacionamento significativo entre o silenciado, a memória e o esquecimento. Através do instrumento do silenciamento, emudece-se a memória do subalterno, procura-se fazer esquecer a narração do passado vergonhoso ligado à subserviência, ao acanalhamento, ao tráfico intercontinental que esvaiu e aviltou todo um continente e, com isso, esvaziam-se as tentativas de resistência (AUGEL, 2005, p.126).

Com o objetivo de silenciar o colonizado, como vimos acima, o colonizador tentou instaurar na nação um ódio para com a própria cultura do seu povo. Fanon (1968) reflete sobre a investida do colonizador em silenciar o oprimido e fazê-lo renegar seus traços culturais e negar sua própria nação. O teórico martinicano afirma que:

O interesse desse período é que o opressor não chegue a se satisfazer com a inexistência objetiva da nação e da cultura oprimidas. Envidam-se todos os esforços para levar o colonizado a confessar a inferioridade de sua cultura transformada em condutas instintivas, a reconhecer a irrealidade de sua nação e, finalmente, o caráter inorganizado e inacabado de sua própria estrutura biológica (p.198).

Para o povo, cansado e exausto do processo colonizador, só aumentaram os desejos de justiça e de liberdade na nação guineense. É nesse momento que as primeiras produções literárias assumem o lugar de instrumento da crítica social, ecoando a voz de protesto contra as ações dos portugueses no território guineense. Se antes falamos da negação dos guineenses de sua própria cultura, não entendemos que seja algo referente a toda a nação negando suas raízes culturais, mas uma parte, basicamente formada pela pequena elite burguesa dos assimilados. A outra parte, a maioria dos que não assimilaram com maior intensidade a colonização - a ponto de internalizar o colonialismo e pensar como um colonizador, rebelou-se contra o opressor, surgindo assim os primeiros impulsos para a luta armada.

2.3 PÓS-INDEPENDÊNCIA: OS DESAFIOS PARA SE CONSTITUIR ENQUANTO NAÇÃO

Depois que a independência foi conquistada, a nação sente-se fragilizada, destruída, necessitando de uma estruturação enquanto nação, a fim de se organizar social e politicamente. A literatura é importante para as narrativas históricas de um dado país e é por isso que compreendemos a importância da literatura guineense como imprescindível na formação da identidade do povo guineense, por ser uma literatura que negocia com o cânone, subvertendo-o, de modo que o autor se apropria do molde eurocêntrico e o ressignifica para adequá-lo à sua realidade e contexto social.

Sobre a situação em que as nações colonizadas se encontraram após a libertação, Fanon (1968) afirma o seguinte:

Mas a guerra continua. E teremos de tratar por muitos anos ainda as feridas múltiplas e às vezes indelévels deixadas em nossos povos pela derrota colonialista. O imperialismo que hoje se bate contra uma autêntica libertação dos homens abandona por toda a parte germes de podridão que temos implacavelmente de descobrir e extirpar de nossas terras e de nosso cérebro (p. 211).

Para além das consequências da colonização, o país sofreu muitos golpes de estado, conflitos internos entre os próprios nativos. O colonizador conseguiu instaurar na nação o ódio de um pelo outro, em que os que haviam atingido uma classe mais elevada – em termos económicos, passaram a se sentir com poder, e exercer influência sobre a população de classe baixa. No livro *O segundo sexo* (1967), de Simone Beauvoir, no segundo volume, a autora diz que “o opressor não seria tão forte se não tivesse cúmplices entre os próprios oprimidos” (BEAUVOIR, 1967, p. 82). A pequena “elite” dos assimilados contribuiu bastante para a manutenção do poder colonial, isto porque a influência do colonizador foi tão forte a ponto de elidir deles uma consciência nacional e identitária.

2.4 A FORMAÇÃO DA LITERATURA GUINEENSE: UMA LITERATURA NACIONAL?

A formação da literatura guineense pode ser demarcada, de acordo com Oliveira (2015), a partir da emancipação da nação, pois antes, o que se verificava no âmbito literário eram manifestações de poucos autores que começavam a surgir. A antologia *Mantinhas para quem luta!* (1977), marca o início da formação literária guineense, por ser um conjunto de obras produzidas e escritas por escritores guineenses.

Essa literatura que se começou a desenvolver na Guiné-Bissau, enquadra-se como literatura pós-colonial - nas definições utilizadas por Hamilton (1999), pois surge depois da colonização, buscando refletir e se pensar uma nação, olhando para o passado, como forma de entender o presente e o futuro, e reinventar o país. No texto *A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-Colonial*, Hamilton (1999) compreende que

Juntamente com uma expressão literária abertamente circunstancial, na forma de obras patrióticas e nativistas, também começava a aparecer, nos primeiros anos após a independência, uma literatura intimista, experimentalista e reformista. Na categoria da literatura “séria”, em contraste com as obras politicamente comprometidas, circunstanciais e mesmo panfletárias, verificava-se uma tendência entre escritores nacionais a re-escrever e assim re-inventar a África e os seus respectivos países, tanto do período pré-colonial como colonial. Surgiam um neotradicionalismo e neonativismo. (HAMILTON, 1999, p.16)

Essa reinvenção referenciada por Hamilton é o que torna também, a literatura guineense, um grande instrumento que auxilia o país na construção de sua identidade guineense.

A literatura guineense é ainda recente, isto pelo fato de tratar-se de uma literatura cujo seu início foi tardio, de modo que os meios de produção dessas literaturas eram escassos. Recentemente a situação tem progredido, ainda que de forma gradual. Ao estudarmos o processo de formação da literatura nacional, somos remetidos ao histórico das literaturas africanas, escritas em língua portuguesa, que possuem um objetivo em comum: a construção da identidade nacional pós-independência. Mas é de fundamental importância observar que a literatura guineense, por muito tempo, foi excluída pelo fato de nos primórdios não haver produções da terra, ou seja, literaturas escritas por nativos. Segundo Tatiana de Jesus (2010: p. 3), “no período colonial aquilo que se verifica no âmbito literário limitou-se praticamente à literatura etnográfica e à prosa de ficção colonial, produzidas quase que exclusivamente por não guineenses, em especial por cabo-verdianos”. Em consonância com Jesus, Marceano (2018) afirma que

a tardia aderência dos guineenses à produção literária no país levou à produção dos discursos externos sobre um suposto vazio nessa literatura. Ainda antes da independência do país, a maior parte da produção literária que se verificava no solo guineense era produzida pelos portugueses que viviam na então colônia (p. 2).

As primeiras produções literárias da Guiné-Bissau foram escritas e produzidas por brancos que habitavam a antiga Guiné Portuguesa e por cabo-verdianos que viviam por lá. Era uma literatura com a temática estritamente europeia.

A literatura que se produzia na Guiné Portuguesa advinha de produções com autores, leitores e assuntos dos brancos europeus, pois raríssimos guineenses produziam literatura no país. E dos poucos autores nacionais, tratavam-se de escritos muito próximos da lusitanidade, ou melhor, com uma maior aproximação com a Europa. Depois da tomada de independência é que se começou a produzir uma literatura de caráter mais guineense, ou seja, produzida pelo e sob o olhar do nativo, isso porque não podemos dizer que é uma literatura impermeável, uma vez que são produções escritas na língua do colonizador¹, mas que foi africanizada como forma de demarcar o lugar do escritor nativo, o que, nas palavras de Antônio Candido, configuraria uma literatura de dois gumes. Ainda de acordo com Candido (2009),

¹ Nesses países que são ex colônias de Portugal, a língua portuguesa foi ressignificada, passando a carregar elementos culturais e linguísticos de cada nação. A língua portuguesa desses países possui uma demarcação de pertencimento de cada povo, é um português africanizado.

considerando-se essa tensão entre centro metropolitano e periferia colonial, “a literatura foi obrigada a imprimir na expressão herdada certas inflexões que a tornaram capaz de exprimir também a nova realidade natural e humana” (p.2). Ademais, de acordo com Leite (2014),

As literaturas africanas em língua portuguesa são literaturas que insistem na dependência da questão da identidade e da cultura nacionais. Neste âmbito, não podemos separar a noção de identidade da noção da língua. O uso da língua do colonizador, neste caso, do português, aparece com uma dupla função - social e universalizante - onde o sujeito, o guineense, a reinventa, tornando-a num veículo de estatuto e mudanças sociais (p.1).

É com esse espírito de luta e resistência que a literatura guineense vai se formando. Por meio de representações, os escritores conseguem abordar diversas temáticas sobre o país, buscando tratar dos assuntos cotidianos da nação, levantando reflexões críticas sobre a nação recém-liberta, além de também demonstrar a desilusão do povo com a independência, uma vez que o povo percebe que os governantes não estavam de fato livres do julgo colonial português, para melhor conduzi-los ao progresso.

A LG pode ser dividida em quatro fases: a primeira compreende o período anterior a 1945, quando a nação ainda era colônia portuguesa. Nesse período surgem os primeiros escritores, em sua grande maioria poetas, que criticavam as mazelas sociais da Guiné e protestavam contra a colonização, mas que não configurava um sistema literário. Depois, na segunda fase, delimitada entre 1945-1970, o “Cónego Marcelino Marques de Barros teve destaque, o que ele escrevia era caracterizado por uma abordagem paternalista e próxima do discurso colonial” (GUINÉ DIÁRIO, 2012). Logo mais, entre 1970 e os finais dos anos 1980, nasce a terceira fase, com um caráter mais socialmente engajado.

No entendimento de Couto e Embaló (2010) “é no Período Pós-Independência, de 1973 aos dias de hoje, que começa a emergir uma literatura guineense propriamente dita, pelo menos nos termos em que normalmente se entende ‘literatura’” (2010, p.71)

A atual fase da literatura guineense abarca todos os objetivos das fases anteriores, com novas vertentes e ideologias, buscando tornar-se cada dia mais livre dos resquícios coloniais. O seu foco principal, agora, é construir uma identidade nacional, a partir de produções literárias mais voltadas para a GB, sob a ótica do nativo

e não mais pelos olhos do colonizador. É uma literatura rebelde e que desafia as condições não favoráveis para seu desenvolvimento, e, ainda que utilize a língua do colonizador para a produção literária, é uma literatura de resistência. O uso do português é uma estratégia política para difusão dessa literatura. Não cabe alongarmos essa discussão, uma vez que se trata de uma questão que gera inúmeras controvérsias e reflexões.

Para Té (2011),

O colonialismo, a escravatura e a repressão são denunciados por esses autores que, no pós-independência, reivindicam a construção de uma nova Nação e invocam a liberdade e a esperança de um futuro melhor. O tema da identidade do guineense, que nos interessa diretamente nesta pesquisa, é abordado através de diferentes situações: a humilhação do colonizado, a alienação ou assimilação e a necessidade de afirmação de uma nova identidade nacional. (p.13)

É necessário compreender que a literatura guineense, bem como as literaturas africanas escritas em língua portuguesa, teve e tem uma importância efetiva no planejamento das novas nações após a independência política. Nesse sentido, “as literaturas africanas desempenharam um papel muito importante na luta pela independência e na projeção de uma nação. Foram protagonistas de uma guerra que foi também ideológica” (CAMPOS, 2016: p.16)

É nesse sentido que a literatura guineense tem se afirmado enquanto elemento fundamental no processo de ascensão de uma identidade nacional e projeção de uma nova nação pós-independência. Agora, a luta do povo guineense concentra-se em tentar reconstruir a nação, porém desatrelada dos moldes portugueses. Quando falamos de afastamento dos moldes europeus, não podemos esquecer o que Antônio Candido (2009) explicou sobre a formação da literatura brasileira, sendo ela uma literatura de dois gumes, pois não há como se afastar inteiramente da influência do colonizador, até porque a língua em que essas literaturas são produzidas, os gêneros literários que utilizam etc. são provenientes da Europa, ainda que adaptados e moldados para a realidade local. Contudo, é importante ressaltar que mesmo não se distanciando por inteiro, as temáticas dessas produções literárias são exclusivamente atreladas à história da e para a nação.

2.5 A LITERATURA GUINEENSE PÓS-INDEPENDÊNCIA: LUTAR E RESISTIR PARA CONSTRUIR UMA IDENTIDADE NACIONAL

Após a independência de 1973, somente reconhecida por Portugal em 1974, Guiné-Bissau passou e está passando por diversas modificações político-econômicas e também sociais. Toda nação liberta de seus colonizadores tende a buscar a construção e o desenvolvimento do país, em todos os âmbitos: político, social, econômico e sobretudo cultural, pois sabemos que a colonização foi uma tentativa de apagamento de uma história, de um povo e de toda a sua cultura.

As produções literárias da GB têm abordado atualmente reflexões sobre uma nação independente, e como a colonização ainda impacta a nação por meio das heranças coloniais – no sentido de costumes e hábitos modernos, ou seja, pelo fato de Portugal ainda exercer certa influência na nação, no âmbito da política, economia e sobretudo no modelo colonial de ensino.

Atualmente, o que se busca na literatura guineense é a formação de uma literatura que se preocupa e se volta para as questões nacionais enquanto pauta política, com um teor nacional em que os autores e autoras tenham suas vozes ecoadas e ouvidas, contribuindo significativamente para o alavancamento da LG e a formação de uma identidade nacional. A grande estudiosa da literatura guineense, Moema Parente Augel, entende que

A literatura que se está fazendo na Guiné-Bissau de hoje é reflexo da crise política, social e identitária que já se prenunciava e cuja explosão as obras surgidas na década de 1990 profetizavam e confirmavam. Seus poetas e prosadores reafirmam, a cada passo, a crença nas culturas nativas, lutam contra a anulação cultural do acervo simbólico das etnias, solidarizam-se com os excluídos, insistem na necessidade da conjugação de esforços para retirar o país da ruína social e política em que se encontra no momento. E, pelo viés da estética e da representação simbólica, através do discurso literário, os autores guineenses apontam para possíveis saídas, desconstruindo a história hegemônica, deixando falar e agir outros protagonistas. Ao mesmo tempo, a voz desses escritores leva, a ouvidos atentos de outros espaços onde o português é falado e é lido, a presença do país de Amílcar Cabral, quebrando um silêncio secular, desvelando as riquezas culturais do mosaico étnico guineense. (AUGEL, 2007: p.49)

Ao ler as primeiras poesias da literatura guineense, no que tange ao período pós-colonial, é perceptível o viés crítico do sujeito lírico, que, após observar as circunstâncias em que se encontrava a nação após 1973, tende a refletir sobre os

efeitos da colonização e a situação caótica do país, buscando meios para tentar reparar o passado escravista.

Com a independência do país, surge uma vaga de jovens poetas, cujas obras impregnadas de um espírito revolucionário, manifestam um carácter social. Os autores mais representativos são: Agnelo Regalla, António Soares Lopes (Tony Tcheca), José Carlos Schwartz, Helder Proença, Francisco Conduto de Pina, Félix Sigá. (DUTRA;JUNIOR. 2016, p.4)

Mais tarde, surgiram romancistas como Abdulai Sila e Filinto de Barros, sendo o primeiro, autor norteador de nossas reflexões. Ainda que Sila tenha produzido romances, um gênero literário diferente dos autores que atuaram antes da independência, o tema central das discursões abordadas por esses autores está relacionado ao espírito revolucionário supracitado por Dutra e Junior. Tratando-se dos romances escritos por Abdulai Sila, Júlio Té (2011) afirma que

Sila, nessas obras, põe em destaque a relação entre colonizador e colonizado, problematizando a sociedade colonial. A transição para uma sociedade pós-colonial (onde uma nova elite que acaba de sair da luta de libertação já passa a participar do poder, fazendo contrastar o seu discurso revolucionário com uma prática desastrosa no governo do país), é visitada pela pluma atenta do escritor. (TÉ. 2011: p. 16)

Nos últimos anos, no Brasil, tem crescido o número de pesquisas e estudos sobre as literaturas africanas de língua portuguesa. É possível encontrar, em algumas livrarias brasileiras, obras de escritores lusófonos, o que significa um crescimento na divulgação dessas produções literárias. Alguns escritores e escritoras guineenses já são nomes conhecidos nas diversas universidades espalhadas pelo Brasil, entre os quais destacam-se Odete Semedo, Filinto de Barros, Abdulai Sila, José Carlos Schwartz, Carlos Lopes, entre outros. Infelizmente, as escritoras são poucas e Odete é a mais conhecida delas.

3 OS CONFLITOS ENTRE AS TRADIÇÕES CULTURAIS BISSAU-GUINEENSE E EUROPEIAS PRESENTES NO ROMANCE ‘A ÚLTIMA TRAGÉDIA’.

O romance A última tragédia é uma ficção de 1997, escrita por Abdulai Sila, um guineense de Bissau, que publicou o primeiro romance guineense “Eterna paixão”. Eterna Paixão, AUT e Mistida, fazem parte da trilogia de Sila, que apesar de

apresentar suas particularidades estão interligados. O primeiro remete-se ao período pós-independência, enquanto que o segundo faz referência ao período colonial e o terceiro é uma interseção desses dois períodos, ambos os romances nos possibilita compreender um pouco do que foi o colonialismo na Guiné Bissau e os impactos que ele causou na nação. Sila, através de uma volta ao passado – o período colonial – consegue buscar a raiz dos problemas atuais na nação guineense, mostrando através dos protagonistas Ndani, o Professor e o Régulo, o desejo da verdadeira liberdade e autonomia no país. A trama nos revela, da forma mais próxima possível à realidade histórica, a narrativa dos antigos combatentes e os problemas políticos, sociais e econômicos do país. Por meio dos protagonistas da trama, o autor nos mostra passos a serem seguidos para construir uma nova nação.

AUT está dividido em sete capítulos, e cada um deles, sem estar desconexos uns com os outros, abordam determinados assuntos com especificidade e minuciosidade, deixando a narrativa rica e sedutora. No primeiro capítulo “Sinhora, quer criado? ”, em que a personagem Ndani é apresentada na história, já podemos imaginar que se trata do processo colonial, pelo fato de alguém perguntar se a senhora quer um (a) criado (a).

Sila, durante todo o romance descreverá os diversos conflitos entre as tradições africanas e europeias, um verdadeiro embate entre o africano colonizado e o europeu colonizador. Antes de partimos para a análise do romance, faremos uma breve explanação sobre os choques culturais entre as culturas africanas e europeias no período colonial e que se refletem até os dias atuais.

Se um indivíduo vai viver num país com uma tradição e costumes diferentes dos seus, obviamente haverá estranhamento, mas imagine que esse mesmo indivíduo receba em seu país colonizadores, os quais escravizam o seu povo e imporá o sistema de doutrinação colonial. O que aconteceu na Guiné-Bissau, assim como em outras ex-colônias de Portugal, foi uma invasão, isto é, a imposição de tradições religiosas e ideias de “civilização” para o povo local. A presença de portugueses em território guineense foi marcada por muitas batalhas e resistência por parte dos povos colonizados. De acordo com Candé (2011: p.227),

Desde a chegada dos portugueses na Guiné no século XV, em 1446, objetivando inicialmente estabelecer trocas comerciais e constituir relações “amigáveis” com os chamados “desdenhosamente por eles de gentios”, intermediados por alguns chefes locais, até a sua “partida forçosa” em 1973, ano em que a Guiné portuguesa passa a ser reconhecido pelo mundo afora

como República da Guiné-Bissau, exaltando a soberania conquistada durante uma década de árdua luta de libertação nacional, foram relações recheadas de injúrias, humilhações e submissões e revoltas entre as partes.

AUT relata justamente esse período anterior à independência política. De um lado o colonizador, convicto de seus poderes e forças manipuladoras; do outro, o africano colonizado, repleto de resistência e desejo de lutar para vencer o jugo colonial. Importante lembrar que o romance de Sila retrata os anos finais que antecederam a independência do país.

A literatura guineense, embora seja embrionária, já concedeu diversos frutos, ainda que no campo romanesco se tenha pouquíssimas obras. Esse romance, o qual estamos analisando, revela-se uma verdadeira biografia do período colonial na Guiné-Bissau, em que o autor capta todo o processo de entraves entre os donos da terra e os invasores, que, convictos de seus poderes, impunham regras, doutrinas e obrigações aos escravizados. AUT resulta, como obra, de uma nação que mesmo após a conquista da liberdade, vê-se frágil e necessitada de uma reorganização política, econômica e social.

3.1 “SINHORA, QUER CRIADO? ”: A JOVEM NDANI EM BUSCA DE TRABALHO NA CASA DE BRANCOS

Ndani é uma jovem guineense que sai do interior do país para a capital Bissau, sendo “estigmatizada pela maldição de ser portadora da infelicidade” (AUGEL, 2011). Na capital, ela procura emprego como doméstica na casa de portugueses que habitavam a região. Tinha aprendido bastante com uma de suas madrastras, que havia lhe ensinado um pouco sobre o mundo dos brancos e como ela deveria se comportar enquanto serva de seus senhores.

A jovem representa as muitas mocinhas que, no período colonial, submetiam-se às casas dos brancos para lhes servir enquanto empregadas domésticas, mas muitas delas acabavam por ser violentadas pelos patrões, como no caso de Ndani, abusada pelo marido de Dona Linda, sua patroa. Essas meninas buscavam trabalho na casa dos brancos, pois desejam ascender socialmente, ter uma qualidade de vida melhor e porque, como no caso de Ndani, idealizava o mundo dos brancos enquanto perfeito e ideal para se viver. Vale ressaltar que essas jovens que iam servir aos colonizadores sofriam diversas represálias e tinham que se enquadrar no molde

civilizatório, pois os brancos afirmavam que sua missão em terras africanas era levar luz e salvação aos negros, por meio das imposições da religião cristã: “[...] a gente vem para este inferno para civilizar-vos e vocês a criarem confusão” (SILA, 2011).

No momento em que Ndani é imersa no mundo dos brancos, sua vida começa a ser transformada e ela passa a cumprir o legado colonial da subserviência e da violação total de todos os seus direitos. Como afirma Fanon em *Os condenados da terra*, “o mundo colonial é um mundo maniqueísta. Não basta ao colono limitar fisicamente, com o auxílio de sua polícia e de sua gendarmaria, o espaço do colonizado” (FANON. 1968, p.30). A personagem feminina representa o caminho percorrido pelas mulheres africanas no período colonial, sendo direcionadas às casas dos brancos em que, para além de servi-los, eram obrigadas a seguir os padrões de seus patrões: sendo batizadas com novos nomes, pois seus nomes de origem foram demonizados pelo colonizador. Assim, passavam a frequentar as missas como “boas cristãs” e adequavam-se à realidade dos brancos para melhor lhes servir:

A relação entre os povos da Guiné e os portugueses durante os últimos anos da colonização; a subalternização dos negros residentes nos centros urbanos e em torno deles; a exploração pela cobrança de impostos em benefício do sistema colonial; a sujeição do colonizado a um processo de reificação ou assimilação da cultura do colonizador (civilização) por parte de uma minoria; a ausência da educação de qualidade; o acesso condicionado ao ensino rudimentar; o seu carácter evangelizador predominante no ensino. (UMABANO. 2014, p.34)

Em uma conversa com Daniela – nome de batismo que Ndani recebeu de Dona Linda– a senhora questiona o motivo pelos quais os portugueses descobriram a África, “se o perigo era tão grande” (SILA. 2011, p.40). Ela mesmo responde em seguida:

O padre deu-me uma explicação que me impressionou bastante. Sabes o que é que ele disse? Presta a atenção que aí é que está o segredo. O Padre disse que os europeus vieram a África para salvar os africanos. Estás a ouvir, Daniela? O padre ainda disse que dantes esta salvação consistia em levar os negros para longe, lá para as Américas, onde não teriam nem as máscaras, nem as estatuetas que veneravam, e muito menos as árvores sagradas... mas depois viu-se que este não era o melhor método e então tivemos nós os europeus que vir para a África ensinar a religião cristã e salvar as vossas almas. (SILA, 2011, p. 40-41)

Esse é o momento em que o opressor justifica a colonização disfarçada de uma benfeitoria feita ao oprimido, como se a catequização dos povos fosse meramente uma missão cristã. Sabemos que a evangelização que Ndani passou, assim como

muitos dos colonizados, representa a tentativa de apagar a história e crenças tradicionais de alguém, impor as crenças do colono, de modo que o oprimido esteja “domado”, para servir e colaborar com todo o plano maniqueísta do explorador.

Depois de todo o monólogo de D. Maria Deolinda, Daniela (Ndani) não acreditou em nada do que disse a senhora, pois não condizia com a realidade a qual ela vivia. Porém, muitos dos oprimidos, ao acharem que tinham ganhado crédito com os patrões, através de gestos tidos como benevolentes, se entregavam ao dispor de seus senhores, o que não foi o caso de Ndani. Sendo assim, não podemos considerar esse caso como uma passividade, pois trate-se de uma questão de colonização e assimilação, em que o oprimido aceita a cultura do opressor por razões que são óbvias: a esperança de uma amenização da sua condição social, a procura por uma qualidade de vida melhor e o desejo de ascender na vida, e Ndani, por ter sido estigmatizada pela comunidade do interior, viu a capital como possibilidade de mudar a sua condição social e cultural. O plano civilizador causou em muitos escravizados uma aceitação da sua condição de inferiorizado e subalterno, isso porque a sua mente já se encontrava manipulada pelo ideal colonizador.

Ndani, assim como as demais criadas da praça, tinham se submetido a atender todos os requisitos de seus patrões, seguindo todas as imposições destes. “O patrão quer uma coisa, o criado faz. O patrão quer que o criado vá dormir cedo, o criado vai para a cama, dormir é outra coisa” (SILA, 2011, p.45). Com medo das reações dos patrões, os criados temiam não cumprir quaisquer que fossem as exigências dos senhores, pois “de qualquer maneira, o melhor era sempre evitar problemas, a gente nunca sabe até onde pode chegar a raiva do branco”. (ibid., p. 45)

Mesmo realizando todas as vontades de sua senhora, a jovem internamente não perdeu suas crenças tradicionais, afinal, se fosse assim, ela estaria livre da maldição da infelicidade. De acordo com Augel (2007), a personagem Ndani possui três faces na produção romanesca de Sila e que representa, de modo mais abrangente, a mulher africana do período colonial: a criada e obediente a seus senhores; a que casa forçadamente; e a transgressora, que passa por cima de qualquer convenção social para exercer a sua liberdade enquanto mulher. A jovem passou por essas três ‘faces’, como elucidou Augel – mostrando que mesmo em condições de subordinação, havia mulheres que transgrediam e resistiam às imposições coloniais e patriarcais.

3.2 O MUNDO COLONIAL *VERSUS* O MUNDO TRADICIONAL: O RÉGULO² EM OPOSIÇÃO A ADMINISTRAÇÃO COLONIZADORA

Nas ex-colônias portuguesas, durante o período colonial, houve diversos entraves entre o colonizador e o colonizado, isso porque o segundo não aceitava as imposições do primeiro, que, além de invadir seu território, implantou um sistema doutrinador e que previa a síncope de uma história, cultura e tradições. O conflito, do qual faremos uma análise crítica, refere-se ao choque cultural e à oposição entre o poder colonial e o poder tradicional, representado pelo régulo no romance de Sila.

O embate entre as culturas guineenses e europeias, na GB, no que tange ao período colonial, ocorreram em diversos segmentos, motivados sobretudo pela dominação religiosa, mais especificamente cristã. Quando os portugueses chegaram à África com suas missões civilizadoras – o que podemos considerar como um desejo de apagamento de uma dada cultura para sobrepor a outra, neste caso, a religião do colonizador, tida como religião de doutrinação e salvação para “as almas dos africanos”, os povos locais já possuíam uma organização política e cultural. Tais imposições não se limitaram apenas ao fator religioso, estenderam-se para a questão da colonização em todos os segmentos e inferiorização dos povos colonizados.

No discernimento de Umabano (2014),

A conversão e prática da fé cristã era um dos condicionalismos a observar para o acesso à civilização, pois a religião cristã católica funcionava como um elemento coadjuvante para a consolidação da “missão civilizadora”, embora a igreja procurasse enaltecer a salvação de almas. A adesão a esta “fé salvadora” pregada durante a colonização, ao contrário daquilo que se supunha ser, era só uma mais-valia para se tornar civilizado. Daí que as pessoas não aderiam a ela por experimentarem a fé, antes a praticavam como um mero instrumento de acesso ao estatuto de civilizado e conseqüentemente aos benefícios a ele inerentes (p.44).

Voltando para o caso do régulo, o mesmo representa a resistência do poder tradicional, mas que não dispensa possíveis diálogos com o colonizador, para reforçar e intensificar a resistência contra a colonização. A questão do pagamento de impostos, em que o régulo, sabendo do seu lugar e do lugar das tradições locais, não poderia pagar impostos aos brancos, que invadiram suas terras para escravizar e

² O Régulo é uma entidade maior dentro de cada comunidade local na Guiné-Bissau e que funciona independentemente do Estado. O regulado possui poderes de administração territorial e organização social, podendo até mesmo interferir em questões judiciais. Vale ressaltar que não são todos os grupos locais que possuem o sistema de regulado, pois é algo específico de determinados grupos da GB.

colonizar o seu povo. Uma outra questão observável é o fato de o régulo ter aceito três conselheiros, o que nas práticas tradicionais e culturais não é admissível, tendo em vista que o régulo de cada *tabanka* possui uma autonomia sobre seu “reinado”. Entretanto, o régulo aceitou aquela prática dos brancos, pois já tinha uma perspectiva do que viria acontecer com a nação. Ele sabia que duas cabeças valiam mais do que uma e, tendo conselheiros ao seu lado, seria um reforço na tomada de decisões, ou melhor, duas pessoas pensando juntas era melhor do que uma.

Ele tinha posto três cabeças a juntar à sua. E não eram cabeças quaisquer, cabeças ocas que não sabem pensar. Eram cabeças de gente que sabia o que fazia, conhecia maduramente a vida, tanto vida de preto como vida de branco. Mas melhor ainda vida de branco Chefe de Posto. (SILA, 2011, p.68)

O régulo, apesar de ter ouvido vários questionamentos sobre sua adoção a conselheiros, se negou a recuar e continuou com a ideia, afinal ele sabia o que fazer, pois “[...] Tinha que ter conselheiro. Não era uma questão de covardia ou de ter medo de tomar decisões sozinho. Tinha outras razões” (SILA, 2011, p.68).

No entendimento do régulo, o povo deveria pensar, pois era através do pensamento que se descobriria respostas para várias incógnitas.

O branco pensa em tudo, mas a cabeça do branco não é mais grande que a cabeça do preto. Têm a mesma coisa lá dentro, foi o mesmo deus que fez. O branco trabalha pouco, mas pensa muito; o preto trabalha muito, mas pensa pouco. Tudo ao contrário. Foi assim que o problema começou. Foi pensando nas coisas que tinham a fazer que os brancos conseguiram o que conseguiram. (ibid. 2011, p.69)

Quando o régulo sugere que todos deveriam pensar, ele remonta o fato de que o pensamento ligava o povo e se os mesmos estivessem unidos também em pensamento, seriam mais fortes contra o colonialismo.

O autor Sila expressa, através do personagem, a ideia de que o povo precisar pensar, maquirar, para poder vencer. O que é questionável no trecho acima, é o desleixo do povo em não pensar nos porquês, nas razões pelos acontecimentos que assolavam o país. Por essa razão o régulo tinha tomado uma decisão importante: “tinha que pensar, pensar sempre. E para pensar duas cabeças valem mais que uma. Três mais que duas, e assim por diante” (ABDULAI, 2011, p.69). E esta ausência de pensar, como sugere o régulo, é motivada pela internalização da inferioridade que o colonizador implantou na consciência dos colonizados.

Em AUT, cada um dos protagonistas da narrativa é a mimese do passado colonial na Guiné-Bissau, ainda que individualmente possuam narrativas específicas sobre suas histórias de vida, têm em comum uma ambição pelo fim da colonização e das imposições das tradições europeias no solo guineense.

Mais adiante, no romance, o régulo descobrirá que a ideia de régulo pagar imposto ao chefe do posto foi apenas uma brincadeira do chefe, para testá-lo. Ele fica enfurecido e irritado com a brincadeira, porque ficou a pensar na situação por longos dois dias. Para ele, um régulo que paga imposto é totalmente contra as tradições, é uma ameaça direta ao regulado. Após a descoberta, o régulo começa a pensar em estratégias para se vingar da brincadeira do chefe.

Entre as várias estratégias que surgiam no pensamento do régulo, eis que ele faz uma reflexão sobre o poder das magias locais não funcionar com os brancos: seria verdade ou apenas uma ilusão dos pretos?

Aquilo do lampran parecia muito bom. Seria a solução ideal se não fosse branco. Mas há uma coisa no meio disso tudo que é preciso esclarecer. Se o branco faz um remédio e um preto toma esse remédio, dá certo, tem o mesmo efeito tanto no corpo do branco como no corpo do preto. Agora quando o preto faz uma mezinha para um branco aí não pega. Por quê? Se mesmo o Padre diz que corpo de branco e corpo de preto é a mesma coisa, foi deus que fez da mesma maneira, as almas também vão todas juntas para o reino de Deus, então tinha que descobrir por que é que mezinha de preto não pegava com branco. Pode até ser só complexo do preto que sempre aceita que o branco é superior. Nunca pensa por que é que as coisas são de uma maneira e não de outra maneira. (SILÁ, 2011, p. 78)

Mais uma vez, o régulo realça a importância do pensamento, dessa vez para resolver um conflito. Se pensarmos em nosso cotidiano, veremos que o régulo tem toda razão, pois quando temos um problema para resolver, é preciso pensar muito em como proceder, para não tomar decisões precipitadas e para traçar um plano de forma a encontrarmos uma solução.

Voltando ao caso em que o régulo adota uma prática cultural do colonizador, podemos analisar o caso como estratégia de criar munições para atingir o inimigo. O régulo, como eu havia dito anteriormente, já antevia o futuro da nação após a conquista da independência e, portanto, era necessário se precaver para as lutas posteriores. No entendimento de Fernandes (2014, p. 233),

Atentos ao fato de que a violência física só iria gerar mais violência e mortes, sendo eles os mais afetados, os colonizados passaram a utilizar de outras estratégias para, no mínimo, garantir sua sobrevivência, e até convencer o

sujeito colonial de que eles eram passivos, amigáveis, recebendo assim até presentes.

Em muitos momentos da colonização, a estratégia para combater os colonizadores era forjar alianças, por vezes mostrar-se inferiorizado para causar no colonizador o sentimento de pertença, de poder e de dominação para que assim, ao alcançar suas fraquezas, os colonizados conseguiram derrotá-los.

Abdulai Sila consegue representar por meio do Régulo Bsum Nanki, o pensamento libertário que moveu e conduziu as lutas pela independência. O régulo tinha um plano traçado para expulsar os invasores de suas terras, mas morreu, levando consigo o tal plano. Bsum representava e defendia o interior, que podemos ler como lugar de resistência, enquanto que a capital – a Guiné Portuguesa – pode ser lida como o ponto geográfico máximo da dominação portuguesa na GB.

3.3 DESTINO DE MULHER³

Qual foi o destino de Ndani, no final da história? Parece uma pergunta de fácil resposta, mas que nos possibilita refletir sobre o lugar da mulher guineense no período de luta pela independência. Que lugar é esse? Quem o delimitou? Que destino é esse e quem o programou? Se analisarmos a história da colonização na África e refletirmos sobre o lugar que as mulheres africanas ocuparam, não será surpresa descobrir que era um lugar de inferioridade, porém irei me deter em um contexto específico – o de Guiné Bissau. Porém, mesmo com toda essa inferioridade, verifica-se que houveram mulheres guineenses que contribuíram de forma ativa nas lutas de libertação, inclusive destaca-se Titina Sila, uma grande e estrategista guerreira. E ainda que muitas mulheres tenham contribuído para a luta armada, continuam ocupando um lugar de subalternização, pois elas são o “outro sexo”.

Ndani, durante a narrativa, percorreu três caminhos diferentes: o da mulher que se submete aos trabalhos doméstico na casa dos brancos, a mulher que é forçada a se casar à força para cumprir com a tradição e a mulher que descobre a sua força e se projeta para a luta. Na casa da sua patroa, ela aprendeu muito bem o português não porque o quis simplesmente, mas porque seria estratégico. O destino de Ndani foi marcado pela maldição da infelicidade, tanto é que quando ela encontra seu

³ É um conceito utilizado por Simone Beauvoir (1970) para retratar o destino da mulher, delimitado pelo machismo e pelo patriarcado.

verdadeiro amor – o professor –, o destino dos dois é marcado por uma tragédia: o professor foi deportado para uma prisão em São Tomé e Príncipe, partindo para bem distante de sua amada.

Naquele “mundo tão diferente”, a jovem familiarizou-se tanto com a língua como com os costumes portugueses, tendo aprendido também que os senhores brancos eram em tudo superiores. Exigindo obediência absoluta, esperavam que os criados não só acatassem as ordens recebidas, como também internalizassem os ensinamentos que lhe queriam inculcar. (AUGEL, 2005, p.184)

A cultura patriarcal em si já inferioriza a mulher, colocando-a enquanto “outro”, como se a mulher não fosse um sujeito autônomo, mas que depende do “eu” masculino para existir. Foi naquele mundo dos brancos que Ndani foi abusada pelo patrão e isso demonstra o quanto as mulheres africanas foram violentadas, com seus corpos sexualizados, no período colonial.

Com isso, a profecia contra a jovem parecia ser real, pois desde que deixou o interior e foi para a capital, sua vida foi marcada por uma sucessão de acontecimentos desastrosos. Pensando no caso da personagem Ndani, será que ele foi feliz em algum momento? Foram tantas tragédias na vida da jovem que é questionável sua felicidade. Foi dada como a sexta mulher do régulo, estando imposta a um casamento forçado, mas que não durou muito tempo, pois o régulo, ao constatar que a jovem não era mais virgem, morreu de desgosto. Em seguida, Ndani descobre o seu verdadeiro amor, uma relação que ela viveria por livre e espontânea vontade, sem imposições, mas que por azar não duraria muito tempo. O destino dela foi uma sequência de tragédias, mas podemos depreender que ela foi feliz no tempo breve em que viveu o seu amor com o professor.

O lugar da mulher africana, nesse período, estava restrito ao lugar de subordinação e prestação de serviços aos colonizadores, o que incluía os abusos que sofriam com as terríveis investidas do colono. Mas vale ressaltar que o contexto social no qual estas estavam inseridas favorecia as práticas de dominação do outro. Para Beauvoir (1970, p.14), “a mulher sempre foi, senão a escrava do homem, ao menos sua vassala; os dois sexos nunca partilharam o mundo em igualdade de condições; e ainda hoje, embora sua condição esteja evoluindo, a mulher arca com um pesado *handicap*⁴”.

⁴ No sentido figurado, significa desvantagem que torna mais difícil o sucesso.

Uma das violências que os colonizados sofriam, sobretudo aqueles que trabalharam nas *moranças*⁵ dos senhores, era ter seus nomes mudados. Tendo em conta que o nome é um dos traços identitários de um indivíduo, tê-lo mudado era um grande massacre: “Acostumada ao novo nome, ela até chegava a pensar que sempre se chamou Daniela. Como as coisas mudaram naquela casa!” (SILÁ, 2011, p.33). A jovem se questionava sobre a mudança de comportamento da senhora, que começou a convidá-la para o chá da tarde, como se fosse alguém da sua família, mas a razão disto é que a sua filha mais nova, a Mariazinha, aquela que lhe fazia companhia, havia voltado para Portugal, e, para compensar a ausência da filha, a senhora senta-se a mesa com a criada.

No romance, encontramos personagens femininas que tiveram um destino semelhante ao de Ndani: trabalhavam na casa dos senhores brancos e em sua maioria eram abusadas e violentadas pelos seus senhores, uma típica ocorrência do período colonial:

Dona Linda mandou fazer chá de hortelã. Serviu na sala e retirou-se para a cozinha. Ela chamou: “Daniela, vem cá, por favor” e quando se aproximou ela disse: “Senta-te aqui ao meu lado, por favor”. Era a primeira vez que a patroa dizia “por favor” para ela e logo duas vezes seguidas. Estranho! (Ib. 2011, p.33)

Ndani estranhou o fato de dona Deolinda a ter pedido “por favor”, pois este não era o modo habitual de os brancos tratarem seus criados, pois na visão dos patrões e até no consciente dos criados, patrões mandam, dão regras, ao passo que empregadas as obedecem. Quando não o fazem, são punidos. O colonizador, cheio de razão e poder, achava-se dono dos colonizados e com eles poderiam fazer o que bem entender. Vale ressaltar que a jovem de 13 anos que saiu de Biombo para a capital tinha a esperança de conquistar uma vida melhor e, para isso, se inseriu no mundo dos brancos, ansiando viver uma realidade melhor do que ela vivera em Biombo.

Mesmo sendo imersa no mundo do outro, Ndani não assimila inteiramente a cultura do branco, pois seu anseio em ir trabalhar para brancos, na capital, passeia entre mudar a sua condição social, buscar ascensão socioeconômica e viver uma vida diferente da que tivera em sua região natal. Um ponto importante que podemos

⁵ Moradia; casa.

destacar sobre essa personagem é o fato de ela não ter perdido a crença em suas tradições, pois mesmo que sua senhora lhe imponha a ida a igreja, ela não deixou de crer nos *Yrans*, até porque a jovem sabia que o deus do branco era um e o dos pretos, outro. Ir à igreja, para ela, fazia parte do serviço aos brancos, pois não tinha sentimento de pertença com a religião cristã. Conforme escreveu Cruz (2016, p. 455), “podemos apresentar como uma característica da representação feminina guineense a tentativa de não se assimilar totalmente, e sim transitar pelos dois mundos”.

No decorrer da narrativa, há um momento em que a jovem questiona o seu lugar de menina negra na sociedade, refletindo sobre a forma como os brancos enxergavam os negros, sobretudo as mulheres:

Seria essa a diferença a que se referia a sua madrasta? [...] ela falara de coisas maravilhosas, mas até então só descobrira crueldade. Mas... seria crueldade mesmo? Ou seria antes desprezo pelo preto? Se tivessem encontrado uma menina branca com fome e sede, tê-la-iam também abandonado? (SILA, 2011, p.29)

É nesse momento que Ndani começa a se desiludir com o mundo colonial, pois de acordo com o que lhe falara sua madrasta sobre os brancos, ela só havia pensando em conforto, luxo e uma vida sem problemas, mas estava enganada, pois o mundo do outro é totalmente diferente do seu, e sua condição enquanto criada nesse mundo só lhe reprimia, fazendo-a negar suas origens, cultura e a própria língua.

Em nenhum momento, Abdulai Sila retrata a dor e as emoções de Ndani quanto ao estupro sofrido. Há uma ausência de uma representação das dores e angústia da mulher. Passando-se um curto período, Ndani foi escolhida pelo régulo para ser sua esposa, pois ela era letrada e conviveu com os brancos. Isso daria prestígio ao régulo:

Contudo, os planos do Régulo não se concretizam, e ele afasta-se de Ndani. A sua decepção para com ela (que o levou à morte) não veio pelo motivo de saber que esta era possuidora de uma maldição e sim por saber que ela não era mais virgem. Apesar de não ser sua culpa o fato de não ser mais virgem, este teve mais peso do que os motivos que levaram a consumação do ato. Notamos assim, que para a sociedade colonial da época, casar-se virgem era primordial, sendo uma exigência da condição feminina. (CRUZ, 2016, p.456)

A forma como a mulher é representada no romance nos faz depreender como a virgindade da mulher era tida como questão de honra para as tradições, enquanto que o homem poderia viver na poligamia. Nas sociedades cujas tradições partem de um viés machista, a mulher é sempre lida como a que deve estar predisposta a cumprir

o seu papel na sociedade: ser mãe, boa esposa, cozinhar, lavar, passar e agradar sexualmente o seu marido. Essas mulheres não têm opção de subverter-se, pois, se agem de forma contrária aos requisitos das tradições, será vista como transgressora, impura, rebelde e sofrerá penalizações físicas e sobretudo morais.

No romance, o autor demonstra outras jovens que vivenciavam a mesma situação de Ndani: trabalhavam na casa de senhores brancos, tinham que ir à missa, vestiam-se de acordo com as exigências dos patrões. Os cabelos crespos tinham que ser “domados” para satisfazer a vontade do padre, que condenava os cabelos naturais:

Ainda tinha que pentear o cabelo, Dona Linda não queria mais ver aquelas tranças de indígena. Parece que o Sacristão não gostava de ver na capela raparigas pretas om penteado de preto. Tinha que ser tudo como branco, com bandolete ou totós. (SILÁ, 2011, p.46)

O plano civilizatório visou apagar do negro sua identidade, para que ele pudesse se tornar um assimilado, seguindo padrões e costumes dos brancos, mas isso não daria ao negro um *status* superior. Na visão dos senhores, eram apenas negros diferenciados dos outros, pois sabiam ler, escrever e que aprenderam todos os hábitos de brancos. Já a mulher teve toda a sua estética transformada, para atender às exigências dos seus senhores.

Em todas as sociedades patriarcais, a mulher sempre ocupa um lugar de inferioridade, menosprezo e pouco valor, isto porque o homem é tido como o chefe da família, provedor de mantimentos para o lar e a mulher, esta por sua vez ocupa o lugar de procriadora, como se fosse um animal a dar continuidade a sua espécie. Essa ideologia que atua nestas sociedades, desde os primórdios, é fruto de ideologias fundamentalistas do cristianismo, seguindo a ideia de que Deus criou a mulher para ser companheira do homem e assim ter filhos com ele. As relações sexuais, com base nos princípios bíblicos, servem apenas para procriar e não para o prazer. Com Ndani não foi diferente. O régulo, ao saber que a moça já não era virgem, morreu de desgosto, o que nos permite entender o quanto esses corpos femininos são objetificados.

Por ter tido uma vivência com os brancos, aprendido as línguas e costumes do colonizador, Ndani era vista como uma negra civilizada e que se distinguia das demais por ter ascendido na vida, no sentido de ser uma mulher letrada e que conhecia a

vida dos brancos. O régulo busca exatamente esse tipo de mulher, com todos os atributos da jovem. Mesmo sabendo que ela portava uma maldição proferida pelos Djambakus antes de sua saída para a capital. O régulo quis casar assim mesmo, pois seu maior desejo era mostrar ao branco sua superioridade, ou seja, ele compôs uma casa tão grande quanto a do chefe de posto, organizou uma cerimônia que não condizia com a realidade de vida de Quinhamel.

Duarte (2012, p. 90) observa que

Ndani, a maldita, sexta e última mulher do Régulo, pode ser vista como uma alegoria do negro que se “branqueia” (a máscara branca de que falou Fanon aqui citado novamente). Acessando as benesses do branco, o Régulo relegou suas crenças em função da cultura de seu senhor e opressor. Ndani representava a resposta branqueada pelo conhecimento da cultura do branco, a juventude e as promessas de um futuro diferente.

Nesse contexto, a mulher é colocada como objeto de conquista do homem, que, convicto de sua hierarquia na sociedade, usa a mulher como meio de se sobressair aos conflitos e interesses pessoais. A maldição que acarretou tantas tragédias na vida da jovem representa as desgraças do sistema colonial da Guiné-Bissau. Como bem questiona Duarte (2012), “Qual maldição é pior: a do Djambakus, que só tinha força para enfeitiçar negros ou a maldição que representou o sistema colonialista trazendo submissão, desrespeito, fome, morte, estupro, esmagando um povo e sua identidade?” (DUARTE, 2012, p.91).

Tanto o homem quanto a mulher africana no período colonial sofreram os impactos da colonização, porém as mulheres sofreram duas vezes mais – se é que posso assim dizer, pois para além de serem submetidas à escravidão e exploração, elas eram tidas como objetos de prazer dos senhores, muitas vezes engravidavam e tinha que criar um filho bastardo e fruto de um estupro. Os homens também eram tidos como objetos de satisfação sexual de suas senhoras, embora em menor grau, pois o caso das mulheres eram mais frequentes. Para além da exploração de sua mão de obra, as mulheres carregavam o peso de ser mulher em uma sociedade patriarcal e machista. Estavam sujeitas a casamentos forçados, à subserviência e aos abusos impostos pelo outro sexo.

4 UM DIÁLOGO ENTRE A LITERATURA E A CRÍTICA SOCIAL NA OBRA DE SILA

Ao observamos o papel das produções literárias africanas de língua portuguesa, enquanto ferramenta no processo de luta pela independência dos países, e, posteriormente, como objeto que auxiliou e auxilia na construção da identidade nacional, notamos o quanto foi e é fundamental a literatura. Sem olharmos para a significação genérica das palavras, podemos notar que a literatura, para além de narrar e tecer a história de um povo, é capaz de dar voz a esse mesmo povo. Cândido (2011) compreende que

A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante. (CÂNDIDO, 2011, p.175)

O romance *A última tragédia* é uma literatura que se propõe criticar o Estado e que traz indícios que justificam os problemas atuais do país – Guiné-Bissau. Através de uma narrativa que recorre ao passado, Sila consegue expor as consequências do processo de colonização no país, a situação das mulheres (empregadas domésticas) nas casas dos senhores brancos, da antiga Guiné Portuguesa e do lugar da cultura guineense em meio a tantos conflitos entre o tradicional e o moderno.

A obra de Sila é a narrativa de um guineense que acompanhou os anos finais do processo colonial em seu país, e, ainda que tenha estudado e vivido no exterior, não deixou de preocupar-se com as questões político-sociais da nação, representando tais problemáticas em seu romance. Sila representou marcas de fatos históricos nesse romance tão envolvente e próprio, no que tange a aspectos estilísticos, estéticos e funcionais.

Uma literatura crítica, portanto, que visa demonstrar os problemas sociais de uma dada sociedade, deve seguir um formato acessível a todas as pessoas dessa comunidade, isto significa que o estilo e a escrita devem estimular o pensamento crítico do leitor, fazendo com que o mesmo se reconheça no que foi lido. “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CÂNDIDO, p.181). Para que essa “quota de humanidade” se desenvolva, é necessário que haja

um acesso democrático e universal da literatura, de modo que a produção literária não se restrinja a uma pequena parcela da nação.

Rosa e Santos (2015) depreendem que

Não basta apenas produzir um texto com elementos descritores da marginalização, da violência e miséria nas camadas mais pobres da sociedade. Para que a literatura atue como verdadeiro e eficaz instrumento transformador, de denúncia das mazelas sociais, o elemento estético é fundamental (ROSA; SANTOS. 2015, p.6)

Em outras palavras, a literatura, para atingir a sua função social, necessita ser acessível e capaz de possibilitar ao leitor um reconhecimento de si mesmo, da sua história e cultura na narrativa lida, sobretudo para as classes menos favorecidas. No entendimento de Antônio Candido, em sua palestra “Direito a Literatura”, ele fez uma reflexão crucial sobre a organização, estruturação e objetividade da literatura para tratar de dado fator social. O autor compreende que é necessário que “Nestes casos a literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face dele” (CÂNDIDO, 2019, p.180). É isso que acontece com *A última tragédia*, Sila nos informa sobre os fatos históricos do período colonial e todas as formas de sofrimento da nação perante o colonialismo, nos levando a ficar cada vez mais indignados com o passado, para assim criarmos o desejo de luta e ativismo político, numa tentativa de fazer o país progredir e liberta-se ainda mais dos resquícios coloniais.

Disso resulta uma literatura empenhada, que parte de posições éticas, políticas, religiosas ou simplesmente humanísticas. São casos em que o autor tem convicções e deseja exprimi-las; ou parte de certa visão da realidade e a manifesta com tonalidade crítica(CÂNDIDO,2011,p.180-181).

Durante a narrativa, há um momento em que Ndani espreita para dentro da igreja e observa que as imagens são todas de ‘santos’ brancos e que nada tinha a ver com os pretos. Denota-se, nessa passagem, não só uma crítica à imposição da fé católica aos assimilados, bem como ao fato de não haver uma representatividade para os negros da época. Por outro lado, Sila descreve que sua personagem tinha consciência de que aquela não era a sua religião, pois a sua religião era a tradicional

de seu povo: “Até ela sabia que a igreja do preto era na baloba⁶ e o Deus dos pretos era o Yran⁷” (SILA, 2011, p.39).

Esse compromisso com as questões sociais, presente na obra de Sila, é um fator em comum na literatura guineense. Para Bispo (2014),

Depreendemos uma demanda significativa na produção literária guineense contemporânea, cuja publicação, nas duas últimas décadas do século XX, voltou seu olhar à situação do país, apontando para problemas, mazelas, improbidades administrativas, descompassos entre o discurso e a prática (BISPO, 2014, p.42)

Para que a população (as camadas menos letradas, sobretudo) tenham acesso a informações contidas em obras literárias, é necessário que a elite intelectual reveja a forma como essas informações irão chegar até essas pessoas. Embora, alguns autores tenham certo cuidado com a linguagem utilizada em suas obras, de modo em que esteja expandida a um público maior, outros autores não têm a mesma preocupação. AUT é um exemplo positivo dessa viabilização entre obra e receptor, pois Sila utiliza muitas expressões e termos na língua guineense, língua da maioria da nação. O público exógeno poderá não compreender muitas dessas expressões, por não pertencerem a seu léxico, mas um cidadão guineense certamente entenderá. O autor, porém, disponibilizou o vocabulário ao final da obra. Não cabe fazer maiores abordagens sobre a dificuldade de acesso dos guineenses a obras literárias, mas podemos afirmar que um dos maiores desafios é a baixa escolarização dos cidadãos e a precariedade da cadeia produtiva do livro no país, que inclui a imprensa e as livrarias.

4.1 A RELAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA COM A SOCIEDADE

No período que antecedeu a colonização na Guiné-Bissau (fase anterior a 1973), a literatura já manifestava críticas ao poder colonial, como forma de mostrar ao opressor que aquele povo estava farto das barbáries e intempéries coloniais. Neste sentido, a literatura intensificou-se enquanto meio potencializador da denúncia e do protesto social. No capítulo V da obra, há um momento em que o narrador explicita o plano do régulo:

⁶ Local de culto religioso; santuário.

⁷ Deus; Espírito sagrado.

O plano! O Régulo tinha um plano que lhe devia expor com mais pormenores. Um plano de como correr com os brancos que mandavam na terra e cometiam injustiças todos os dias. Esses brancos que tinha matado o seu pai. O seu pai e também o seu tio. E os brancos continuavam a fazer aquilo a outra ente, por todo o lado. A maltratar e matar gente inocente. Matar injustamente. E ficavam sempre impunes. Tinha que conhecer aquele plano. (SILA, 2011, p.139)

O Plano do Régulo representa as organizações para a luta pela libertação e o pensamento dele, representa a sabedoria dos mais velhos e também de alguém que sabia como expulsar os brancos das terras. Para ele, o pensar era de fundamental importância para compreender as razões pelas quais o branco estavam a dominar. Não são todas as obras literárias que possuem um compromisso com a crítica social, mas, no caso da literatura guineense, a partir do período de 1945, toda a produção literária preocupou-se em denunciar os problemas político-sociais da época e as intempéries provenientes do processo colonizador. No período anterior a 1945, em que a LG era colonial, produzida majoritariamente por exógenos e que estava voltada para questões da Europa, não se tinha vozes críticas no que tange aos problemas dos africanos.

Nas últimas décadas que antecederam a conquista da independência nos países lusófonos, a literatura de cada nação se intensificou na busca por uma força motriz para lutar e protestar contra o colonialismo. Se analisarmos os poemas, a prosa e os romances da época, é notório que a voz do povo se fazia ecoar por meio das obras literárias. AUT, embora seja um romance pós-colonial, através de um recuo histórico feito pelo autor nos mostra a forma como viviam oprimidos e opressores, e, retratando aquele período, o romance nos informa sobre uma possível organização para os movimentos de independência.

Para compreendermos a relação que uma obra literária possui com a sociedade a qual o autor está inserido, ou faz referência, nos basearemos nos pressupostos de Antônio Candido (2006) em seu livro *Literatura e Sociedade*. O autor refere-se a três elementos fundamentais: 1) a posição do artista; 2) a configuração da obra; e 3) o público, para analisarmos o “grau” de proximidade da arte com a sociedade (o meio).

Inicialmente, é necessário indagarmos qual o posicionamento político, ideológico e social de dado autor, neste caso, Abdulai Sila, para entendermos como ele se situa enquanto sujeito político-social. Numa rápida pesquisa sobre a biografia de Sila, nota-se que estudou no estrangeiro, mas que regressou ao seu país de origem para contribuir no seu desenvolvimento, atuando nos setores empresariais. Contudo,

expressou-se como um crítico social, escrevendo vários artigos de cunho crítico, e posicionando-se contra as intempéries do governo local e a situação caótica da nação. Podemos comprovar tais percepções com os romances escritos pelo autor, especialmente AUT, que é o objeto de nosso estudo.

O segundo ponto é a “configuração da obra”. É válido questionar qual o conteúdo da obra e sua relação com o meio. Não basta apenas citar os problemas sociais de dada comunidade, mas é necessário ir mais a fundo, se posicionar a favor ou contra tais problemas. O meio influencia a obra: AUT é influenciado pelo contexto social da Guiné-Bissau, a quando foi escrito, isto porque, ele foi escrito na década de 80 e neste período, o país estava recém-liberto da colonização. Sendo assim, o olhar da elite intelectual estava voltado para os problemas oriundos do colonialismo e a partir daí é que se iniciou o pensamento de construção de uma identidade nacional. A mensagem a ser transmitida pela obra deve relacionar-se com a vivência do povo. Nesse caso, o autor utiliza-se de técnicas de composição e de uma linguagem que possa estabelecer uma comunicação com o público.

Antonio Candido configura o terceiro ponto como o “público”, aquele que vai receber a obra. Na medida em que a sociedade vai se diversificando, este público pode tornar-se mais restrito, como no caso das elites intelectuais da Guiné-Bissau. A mensagem contida na obra de Sila chegará em primeira mão para a elite leitora, tendo em conta que essas obras literárias não são de fácil acesso no país, por dois fatores: 1. A baixa produção e circulação de obras literárias; e 2. O índice mínimo de pessoas escolarizadas. Ainda há outro fator dominante, é o caso da GB ser uma ex-colônia portuguesa e o ensino estar pautado no eurocentrismo, ou seja, é mais comum que um jovem guineense conheça autores estrangeiros e consuma suas literaturas do que um nativo, como Abdulai Sila e companhia.

O conjunto destes três pontos supracitados nos possibilita compreender como a literatura está vinculada com o contexto social no qual ela está sendo produzida. Não se pode analisar as relações da literatura com a crítica social sem entendermos os três pontos pressupostos por Candido como fundamentais na intersecção da literaturas e outras áreas do conhecimento social. Primeiro objeto da análise é a posição do autor/artista, depois como se configura a obra deste e qual é o público pelo qual a obra será consumida. São essas reflexões que nos permitem analisar o impacto de uma dada literatura como crítica social.

Tresoldi (2015, p. 33-34), compreende que

[...] como parte do mundo social, a arte nos permite conhecer de perto as relações sociais e o desenvolvimento histórico da sociedade, tendo na análise dedicada das formas estéticas a possibilidade de se compreender conjuntamente arte e sociedade.

Sendo assim, a literatura de Abdulai Sila nos possibilita compreender a sociedade guineense a partir das relações entre colonizador e colonizado, e, por ser um romance de cunho histórico, é possível compreender uma parte do histórico colonial na Guiné-Bissau. Essa arte que reflete a sociedade e seus conflitos é uma memória coletiva de dada sociedade, pois narra parte de sua história e da cultura de um povo. A exemplo de como era essas relações, há um momento na narrativa, em que a senhora instrui a criada como se vestir e ornar-se para ir à igreja:

- Como o meu cabelo não dá para amarrar atrás como totó, faço o quê com ele?
- Põe postiço.
- E isso é o quê?
- Então não sabes? Quanto tempo já fizeste na praça? A ver todos os dias e não sabes o que é... Postiço é cabelo como de senhora, já sabes agora? Nunca viste na praça ainda mulhe preto com cabelo liso, parecido cabelo de senhora? Aquilo é postiço.
- Daniela, já está na hora! (SILA, 2011, p.46)

Essa relação entre opressor e oprimido não pode ser vista, jamais, como uma passivação, pois mesmo tendo que seguir os padrões europeus (da senhora Deolinda), a jovem protagonista não deixa de crer nos Yrans (os deuses da sua tradição). Há ainda um outro personagem emblemático – o Antoninho, um criado que era objeto de prazer sexual de sua senhora. Existe uma hiperssexualização de corpos negros, em que os brancos acham ser propícios aos seus desejos, fantasias e estereótipos. Antoninho sabia que não poderia continuar com os encontros com a senhora porque se seu senhor o apanhasse com ela, seria seu fim. O colonizador não aceitava ser contrariado.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dos três capítulos, vimos um pouco sobre o processo de formação literária da Guiné-Bissau, em seguida analisamos o romance AUT, sob a perspectiva da crítica pós-colonial, buscando compreender os conflitos entre africanos e

portugueses na atual GB, antes considerada Guiné Portuguesa. Com a análise do romance de Sila, foi possível denotar que o colonizador a todo custo tentou elidir dos nativos a sua própria cultura, sob o impulso da “missão civilizatória”, que, para além de impor, travou sérias lutas para impedir o povo de cultuar os seus deuses e manifestar a sua cultura tradicional.

O romance retrata os anos finais da colonização, quando os guineenses já estavam em processo de construção dos movimentos contra o regime colonial. AUT não só é um escrito ficcional, mas uma representação ficcional da realidade guineense. É um romance histórico, que possibilita a percepção de como se dava as relações entre o colonizador, que, convicto de seus “poderes”, impunha sua cultura a outrem, os colonizados – verdadeiros donos das terras. Após refletirmos sobre o romance, buscamos entender como a obra de Sila se relaciona com o real guineense, a sociedade e o contexto em que a obra foi escrita. Depreendemos que se trata de uma obra de ficção, com recortes históricos e que aborda justamente o que acontecia no país a quando foi escrita – o processo de luta pela independência num contexto ainda colonial.

Vimos que a literatura é o registro histórico de um povo e que por meio dela é possível conhecermos sobre a história e estabelecer relações sociológicas sobre uma dada sociedade e/ou meio. A escrita de Sila é importante para contribuir na construção de uma identidade nacional na Guiné-Bissau, não apenas pelo fato de falar sobre aspectos sociais do seu país – o que por si só já é relevante – mas por também firmar um compromisso com o desenvolvimento da literatura guineense, pois Sila é cofundador da primeira editora nacional, a “Ku si mon”.

Atualmente, Sila é lido nacional e internacionalmente, tendo seus romances como objetos de estudos literários, como este que concluímos aqui, sobre *A última tragédia*. Considerando-se o conteúdo desse romance como objeto de nosso estudo, podemos afirmar que no período colonial houve muita resistência, e o episódio do poder do pensamento, defendido pelo régulo Ndingui, nos faz refletir sobre a importância de unirmos pensamentos em prol de determinada luta, pois se os colonizados não tivessem criado bases de resistência, mesmo com muitas perdas e sacrifícios, não teriam conquistado a independência. Ainda que essas nações vivam sobre a sombra do colonialismo, acredita-se que os nativos estão se tornando autônomos para decidir o futuro e desenvolvimento da nação, elidindo pouco a pouco os resquícios coloniais.

Em contextos africanos lusófonos, a literatura é de crucial necessidade no processo de reconstrução das nações pós-coloniais e em sua organização política, ideológica e social. Um povo sem literatura será um povo esquecido pela história e pela sociedade. O romance escrito por Abdulai Sila mostra a indignação do povo guineense para com as imposições do colonizador. Nesse sentido, o personagem do régulo Ndingui nos traz, a cada leitura, uma importante reflexão acerca do poder do pensamento. É necessário pensar coletivamente, pois “duas cabeças valem mais do que uma”.

REFERÊNCIAS

AUGEL, Moema Parente. **Sol na lardi – perspectivas otimistas para a literatura guineense**. Via atlântica, n. 3 dez. 1999.

_____. **O desafio do escombro: a literatura guineense e a narração da nação**. Rio de Janeiro, 2005. 387 p. (Tese de Doutorado em Literatura Portuguesa, na especialidade das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

_____. **Literatura e inclusão – o papel dos escritores guineenses no empenho contra a invisibilidade**. Via atlântica, N.12, 2007.

_____. “*Ami i jidiu di kaneta.*” Félix Sigá, trovador guineense do quotidiano. In: RIBEIRO, SSC., COSTA, SBB., and CARDOSO, SAM., orgs. *Dos sons às palavras: nas trilhas da Língua Portuguesa* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 214-236.

_____. Prefácio. In: SILVA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011. BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1967. Original inglês.

BENZINHO, Joana.; ROSA, Marta. **Guia turístico: à descoberta da Guiné-Bissau**. União Europeia: 2015.

BISPO, Erica Cristina. **A tragédia em Abdulai Sila**. Contexto. Vitória, n. 26, 2014/2
CAMPOS, Josilene Silva. **A Historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. Disponível em <http://pos.historia.ufg.br/up/113/o/26>. Acesso em 12 de Agosto de 2016.

CANDÉ, Artimisa Odila Monteiro. **Guiné-Bissau: da luta armada à construção do estado nacional: conexões entre o discurso de unidade nacional e diversidade étnica (1959-1994)**. Bahia, 2013. 289 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia.

CANDIDO, Antonio. **Literatura de dois gumes**. Literatura Brasileira LBN3 - Unicamp – 2009.

_____. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

_____. **O direito à literatura**. Disponível em: <https://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direitoc3a0literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em 02 jun. 2019.

CASSAMA, Daniel Júlio L. S. **Amílcar Cabral e a independência da Guiné-Bissau e Cabo Verde**. São Paulo, 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho”.

COSTA, Marceano Tomas Urem da. **A crítica literária sobre a literatura da Guiné-Bissau: considerações sobre um “suposto vazio”**. Mafuá, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 29, 2018.

COUTO, Hildo Honório.; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, Língua e Cultura na Guiné-Bissau: um país da CPLP**. Revista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares. N. 20. Brasília: 2010.

CRUZ, Luciene Rocha dos Santos. **As representações da mulher guineense nas obras *Eterna paixão* e *Última tragédia*, de Abdulai Sila**. Anais do VII SAPPIL – Estudos de Literatura, UFF, n. 1, 2016.

DUARTE, Zuleide. **Ndani a Tamar africana, considerações em torno da “Última tragédia” de Abdulai Sila**. Conexões Letras. Vol. 7, nº 8, 2012.

DUTRA, Sandiely Soiani.; JUNIOR, José Braulio da Silva. **A poesia de Amílcar Cabral: a sociedade caboverdiana vista através da sua poesia**. Ave Palavra. 21 Ed. UNEMAT, 2016.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Trad. José Laurêncio de Melo. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1968. Título original: *Les damnés de la terre*.

FERNANDES, Elizandra. **Autonomia e subjetividade da mulher negra: um estudo em *The Hangman’s Game***. Travessias, Ed. 08, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUINÉ DIÁRIO. **O processo de desenvolvimento de literatura guineense**. Disponível em: <http://guinediario.blogspot.com/2012/11/dentre-as-antigas-colonias-portuguesas.html/> Acesso em: 27 de novembro de 2012.

HAMILTON, Russel G. **A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-colonial**. Via atlântica, n. 3 dez. 1999.

JESUS, Tatiana Sousa de. **Fausto Duarte e suas representações em Auá: novela negra**. Lisboa, 2010. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

LEITE, Joaquim Eduardo B. da C. **A literatura guineense: contribuição para a identidade da nação**. Portugal, 2014. 326 f. Tese (Doutorado em Letras, área de Línguas e Literaturas Modernas, especialidade de Literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Coimbra.

OLIVEIRA, Rosa Alda Souza de. **Poesia e revolução: a formação literária da Guiné-Bissau**. Brasília, 2015. 103 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Universidade de Brasília.

ROSA, Fábio Pereira.; SANTOS, Gustavo de Santana. **A literatura como instrumento de denúncia social: análise de Eles eram muitos cavalos e Filhos da Pátria**. São Paulo: 2015.

SILA, Abdulai. **A última tragédia**. Rio de Janeiro: Pallas, 2011.

TÉ, Júlio A. Aponto. **Estudo da prática de escritores contemporâneos guineenses**. São Paulo, 2011. 51 f. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita filho”.

TRESOLDI, Maria Caroline Marmerolli. **Falando sobre a sociedade a partir da literatura: Antonio Candido, Roberto Schwarz e as Memórias de um Sargento de Milícias**. Revista Ensaio, Vol.9, julho – dezembro de 2015.

UMABANO, Maria Filomena G. C. **Tradição e modernidade em Abdulai Silá: “Mistida” e o diálogo político-cultural**. Lisboa, 2014. 138 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Românicos: Estudos Brasileiros e Africanos) - Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.